MARTINHO LUTERO, ROSACRUZ

Johannes Rothkranz, *Die Zertrümmerung des Christlichen Abendlandes* (Durach, Verlag Anton Schmid, 1977). Trecho traduzido por Mateus Larsan e Murilo Volff, 19 jan. 2024.

Martinho Lutero pertencia à congregação alemã dos eremitas agostinianos. **Johann von Staupitz**, "patrono e apoiador de Lutero", assumiu em 1503 o cargo de professor em Wittenberg, e se tornou vigário geral dessa ordem.[1] O *Lexikon für Theologie und Kirche* ("Léxico para Teologia e Igreja"), LThK, no verbete "Staupitz, Johann von", diz, entre outras coisas:

> *Em Wittenberg, de 1508 a 1509 e em 1512, entrou em contato estreito com Lutero, a quem ajudou especialmente nos seus receios sobre a predestinação. Em 1512, entregou-lhe a cátedra e, a partir de então, viveu principalmente no sul da Alemanha. Saudou com alegria o aparecimento de Lutero na querela das indulgências. No entanto, a partir de 1519 ficou mais alarmado e, em 1520, renunciou ao cargo de vigário-geral, sobretudo para não ter de atuar contra Lutero. Mudou-se para a casa do Cardeal M. Lang, em Salzburgo, onde se converteu à ordem beneditina em 1522, com dispensa papal, e tornou-se abade de São Pedro. Isso o levou a um afastamento de Lutero. Von Staupitz não partilhava dos seus ensinamentos não católicos: pronunciou-se em 1523 pela condenação dos luteranos como não crentes, e não se conteve em sua última carta a Lutero em 1524 (ano de sua morte).*

Essa é, portanto, a imagem oficial de Von Staupitz na história da Igreja, e assemelha-se, em poucas palavras, à imagem oficial de **[Johann] Reuchlin**. Reuchlin e Von Staupitz apoiam inicialmente Lutero e sua reforma, que também eles, cada um à sua maneira, contestaram depois fortemente. Reuchlin e Von Staupitz retiraram-se, permaneceram leais à Igreja e morreram como seus filhos piedosos (!). É claro que deve ficar em aberto a questão de saber como é que eles realmente morreram, porque ainda se pode converter no leito de morte. Em suma: Von Staupitz não só pertencia a uma loja rosacruz, como era mesmo seu líder. Essa pode ser também a razão pela qual, a partir de 1512, ele se encontrava maioritariamente no sul da Alemanha, uma vez que a sede dessa loja era Nuremberg. "Lutero era um escravo do líder da loja de Nuremberg", observa

---

[1] Cf. Dietrich Emme, *Martin Luther. Seine Jugend und Studentenzeit 1483–1505* (Regensburg, 1986), p. 178.

Norbert Homuth, e apresenta a seguinte passagem da carta de Lutero de 3 de outubro de 1511 a von Staupitz como uma das muitas evidências disso: "Deixas-me demasiado... Por tua causa senti-me como uma criança desmamada em relação à sua mãe. Sonhei contigo ontem à noite, senti que te separavas de mim, chorei amargamente. Então acenaste com a mão... posso ficar calmo, tu voltarias".[2]

Homuth explica ainda que a Loja Rosacruz de Nuremberg, que trabalhava no espírito do humanismo e que, devido ao papel de liderança do Sr. Von Staupitz, era também chamada *Sodalitas Staupitana*, foi o principal motor da Reforma inicial e do jovem Lutero. Por quê? Segundo as próprias palavras de Lutero, foram Von Staupitz e os seus irmãos de loja em Nuremberg que o incitaram contra o Papa. Uma fonte atesta essas palavras de Lutero que Homuth infelizmente não cita. Mas podemos encontrar uma no investigador de Lutero, Dietrich Emme, que apenas menciona de passagem este trecho extraordinariamente importante: "Num discurso à mesa registrado por **Anton Lauterbach**, Lutero escreveu a 16 de julho de 1539 sobre as últimas horas antes de entrar no mosteiro: 'Mais tarde arrependi-me de ter feito o voto, e muitos aconselharam-me a não o fazer. Mas eu insisti... Eu estava morto para o mundo até que Deus achou tempo e o escudeiro Tetzel e o Doutor Staupitz me conduziram (sic!) contra o Papa'".

Parece estranho que esse testemunho instrutivo tenha sido desde sempre ignorado pela historiografia oficial da Igreja.[3] Esperemos que isso se deva apenas à reconhecida abundância de literatura deixada por Lutero diretamente (obras, cartas) ou indiretamente (discursos à mesa).

É igualmente estranho que nenhum dos historiadores da Igreja Católica pareça ter "tropeçado" na atividade de von Staupitz na loja de Nuremberg. Fernand Mourret notou pelo menos a sua "falta de firmeza" (?): "Vê-lo-emos alternadamente apoiar Lutero e deixá-lo cair, inclinar-se perante Tetzel e rir-se dele secretamente, corresponder-se com Cardeal Cajetan em termos amigáveis e combatê-lo".[4]

---

[2] Homuth, *Die Verschwörung des Antichristus*, p. 77, referindo-se a Ludwig Keller, *Die Reformation* (Leipzig, 1885), p 326.

[3] Compare-se, por exemplo, o julgamento mais que benevolente de Joseph Lortz, *op. cit.*, p. 236: "Von Staupitz, superior de Lutero, estava ligado de maneira especial ao destino de Lutero. Ele dera ao jovem monge em dificuldades algum cuidado pastoral. Ele o levou para a cátedra bíblica em Wittenberg. Ele compreendia a oposição de Lutero à escolástica e sua imensa revolta contra a Igreja. Mas ele era católico. Ele sofreu com o desenrolar dos acontecimentos".

[4] Mourret, *op. cit.*, p. 290. *Ibidem*, p. 293. Como exemplo, Mourret descreve o seguinte incidente: "Lutero um dia encontra as obras de Jan Hus na biblioteca do Convento de Erfurt. Ao lê-las, não pode deixar de sentir uma profunda simpatia por tal espírito corajoso. É claro, Roma o condenou! Esse pensamento o preocupa. Mas um dia, Von Staupitz mostra-lhe o retrato de um de seus antecessores na galeria dos superiores da Ordem de Santo Agostinho, Zacarias, e diz-lhe: 'Vê este

Mourret atribui, de fato, a apostasia papal de Lutero à influência de von Staupitz (!), mas considera suas provocações contra o mais alto magistério eclesiástico como meras "estupidezes" tristes.

Quando, em Augsburgo, em outubro de 1518, o legado papal Cardeal Cajetan ameaçou prender tanto o recalcitrante Martinho Lutero como von Staupitz, que ainda o apoiava, Staupitz aconselhou Lutero a fugir e, por fim, ajudou-o a fugir ele próprio.[5]

Embora a LThK (ver acima) afirme vagamente que von Staupitz não se conteve com "o seu desagrado contra o movimento luterano na sua última carta a Lutero", o biógrafo judeu de Lutero, Richard Friedenthal, não apenas dá mais detalhes como também mostra uma perspectiva um tanto diferente: "O abade responde ao seu querido Martinho para assegurar-lhe que o amava constantemente... Von Staupitz cita outro exemplo das Escrituras, a parábola do filho pródigo. Lutero conduziu o povo das vagens vazias dos grãos, que o filho pródigo comia em sua pobreza com os porcos, de volta ao reino da vida. O povo lhe devia muito. Mas ele alerta: Lutero não deveria perturbar o coração das pessoas comuns! Von Staupitz pede *ao seu querido amigo* que pense nos pequenos e não preocupe as suas consciências. Ele reza pelos neutros, que persistem na crença honesta — e Lutero não deveria condená-los! Quantos abusam do Evangelho por causa da liberdade da carne! Talvez, pensa Lutero resignadamente, a sua mente seja demasiadamente hesitante ou tímida, e é por isso que Lutero deve compreender quando ele [Von Staupitz] se curva em silêncio. Essa amizade termina em silêncio, sem um rompimento; pouco depois, Von Staupitz falece".[6]

A loja rosacruz de Nuremberg

Para a historiografia profana e eclesiástica ("da Corte"), a dita loja parece – como a Maçonaria em geral – não ter existido de todo. No entanto, ela é tudo menos um

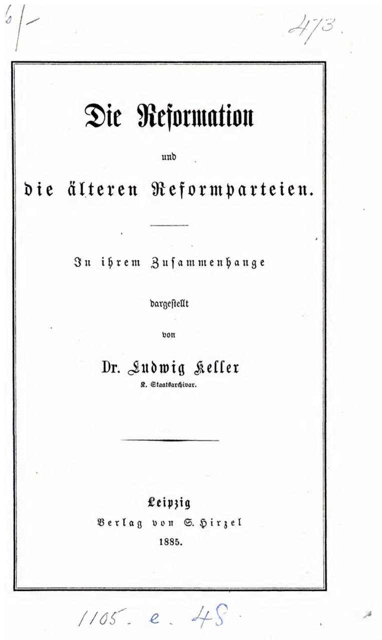
---

monge: deve estar no inferno se não se arrependeu, porque ele é um dos que fizeram com que Jan Hus fosse condenado no Concílio de Constança, por ter falsificado a Bíblia'. Slogans semelhantes ajudaram a diminuir a reputação [de Roma] aos olhos de Lutero, que até então gozava da autoridade de um concílio que condenara um herege".

[5] Ver *ibid*. p. 311f. De acordo com Richard Friedenthal (*Luther. Sein Leben und seine Zeit*. 8 ed., Munique – Zurique, 1982, p. 223f), von Staupitz teria deixado a cidade de Augsburgo antes de Lutero para evitar a ameaça de prisão.

[6] Friedenthal, *ibid*., p. 401.

fantasma. Porque Norbert Homuth (por acaso ele próprio residente em Nuremberg) tomou conhecimento dessa loja humanista e de sua influência decisiva sobre Martinho Lutero e a Reforma através de um livro publicado em 1885 em Leipzig: *Die Reformation*, de um certo Dr. Ludwig Keller.[7]



Die Reformation

und

die älteren Reformparteien.

In ihrem Zusammenhange

dargestellt

von

Dr. Ludwig Keller

K. Staatsarchivar.

Leipzig

Verlag von S. Hirzel

1885.

Ludwig Keller, *Die Reformation und die Alteren Reformparteien in ihrem Zusammenhange* (Leipzig, 1885)

O que Homuth provavelmente não sabia, pelo menos não o mencionou: seu informante é aparentemente idêntico ao arquivista secreto Br.'. Dr. Ludwig Keller em Charlottenburg-Berlim, que o maçom de alto nível Karl Heise citou em 1920 como autor de vários livros sobre a história da Maçonaria publicados entre 1903 e 1911, embora estejamos menos interessados nessas obras posteriores de Keller do que no seu estatuto de "grão-mestre designado alemão", tal como atestado pelo seu irmão de loja Heise.[8] Como grão-mestre da "nobre" corporação dos pedreiros livres, Keller deveria estar tão bem informado sobre o que era a Loja de Nuremberg, que já florescia por volta de 1500, como os irmãos maçônicos que, numa capa de primeiro dia no *Mónaco*, em 1971, em nome da "Philatélie maçonique F.D.C.", publicaram Albrecht Dürer (nascido há 500 anos) com o típico sinal de "olhar" dos "iniciados",[9] como "Membro da R.'. (Real?) (Rosacruz?) Loja Operativa de

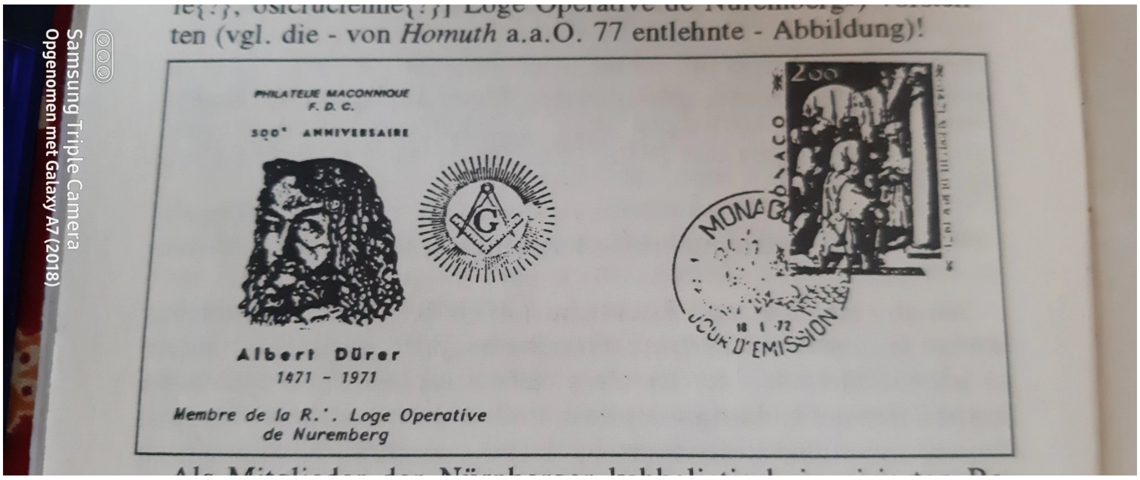
---

[7] Cf. Homuth, *Die Verschwörung des Antichristus*, p. 77 e 81.

[8] Cf. Karl Heise, *Entente-Freimaurerei und Weltkrieg* (2 ed., reimpressão da 3 ed., 1920, Struckum, 1991), p. 59 ou p. 119, nota 1.

[9] Cf. Johannes Rothkranz, *Freimaurersignale in der Presse. Wie man sie erkennt und was sie bedeuten* (Durach, Verlag Anton A. Schmid, 1997).

Nuremberg" ("Membre de la R.'. Loge Operative de Nuremberg"). Veja abaixo a imagem da página 77 da *op. cit.* de Homuth):



Os membros da loja rosacruz de inspiração cabalística de Nuremberg — que, como já foi referido, era presidida por **Johann von Staupitz** —, eram, segundo Homuth/Keller: Lazarus Spengler, **Albrecht Dürer [o pintor]**, C. Celtis, Holzschuher Georg Beheim, Anton, Andreas e Martin Tucher, Kaspar Nützel, Jakob Welser, **Chr. Scheurl**, **W. Pirckheimer**, Hieronimus Ebner, *et al.*[10] Pelo menos os quatro membros da loja grifados em negrito destacaram-se como apoiantes ativos da reforma luterana (Celtis morreu demasiado cedo para poder colaborar). A historiografia eclesiástica comum não ignorou, de modo algum, o fato de Nuremberg ter sido o verdadeiro foco da cisão religiosa, mas desconhece a verdadeira razão para tal: o trabalho concentrado (e não algo aleatório) de enraizamento de uma loja judaico-cabalística governada por rosacruzes (e não apenas alguns humanistas isolados ou com uma amizade frouxa).

O artigo "Nürnberg" da LThK (*loc. cit.*) afirma de forma significativa: "O ensinamento de Lutero encontrou simpatia desde o início no mosteiro agostiniano, que estava intrinsecamente ligado a **von Staupitz**, que conselheiros e cidadãos respeitados frequentavam; foi pregado por **W. Link** e pelo eloquente A. Osiander, (...) defendido por **Laz. Spengler** no conselho municipal. Esse estado de espírito influenciou também as dietas de Nuremberg de 1522/23 e 1524.[11] (...) A vitória do luteranismo em Nuremberg já estava decidida antes da discussão religiosa liderada por **Scheurl** (março de 1525). A atitude de Nuremberg tornou-se da mais alta importância para o Protestantismo como um todo". Eu enfatizei novamente em

---

[10] Homuth, *Die Verschwörung des Antichristus*, p. 77 (Keller, *Die Reformation*, *op. cit.*, p. 326), grifo nosso.

[11] Dieta significa aqui uma assembléia para decidir questões de império. (N.T.)

negrito os nomes dos irmãos da loja rosacruz que determinaram a atitude de "Nuremberg". A seguir, falarei sobre Wenceslau Link, que também se destacou.

O totalmente alheio a questões espirituais Ulrich von Hutten não entendia quase nada das preocupações teológicas de Lutero; estranhamente, porém, ele sabia exatamente a quem recorrer quando, em 1520, teve de desabafar sua alegria irreprimível com a nova liberdade espiritual supostamente trazida por Lutero: "Hutten animou-se esperançosa e despreocupadamente numa famosa carta ao patrício de Nuremberg **Willibald Pirckheimer**, amigo de **Albrecht Dürer** e chefe do Círculo Humanista de Nuremberg: 'Ó século! Ó ciências! Que alegria viver agora e não retirar-se, meu Willibald! Os estudos florescem, os espíritos agitam-se! Mas tu, Barbaridade, que pegues na corda e vás para o exílio!'".[12]

Ouçamos, como terceira testemunha insuspeita, Joseph Lortz, que não tem qualquer ideia sobre a Loja Rosacruz de Nuremberg e, no entanto, enumera os seus expoentes mais importantes, um após o outro: "Seguimos de perto a forma como a atmosfera para a inovação foi preparada em Nuremberg por vários círculos, e como isso é explorado pelo conselho da cidade (e pelas Dietas de 1522/23 e 1524). Em 1521, o humanista **Pirckheimer** faz guerra contra o portador da bula papal em *Der Gehobelte Eck*; a partir de 1522, o humanista Osiander prega sobre o Anticristo em Roma; o mosteiro agostiniano abre-se à nova doutrina; **Spengler**, funcionário municipal, escreve já em 1521 um panfleto em defesa de Lutero e influencia da mesma forma o conselho municipal, onde se lêem os livros de Lutero, apesar das proibições (como em todo o lado); **Dürer** espera o renascimento cristão que Lutero deveria trazer... Está comprovado que a passagem oficial da cidade — ou seja, do conselho municipal — do catolicismo para o luteranismo, **foi extraordinariamente bem preparada**: o destino dos primeiros fracassos é revelado. O conselho municipal expande agora sua soberania medieval tardia sobre a Igreja (em parte através de negociações diretas com Roma), de tal forma que, após as conversações religiosas de 1525, conduzidas por **Scheurl**, o conselho está no controle da situação".

Todos os irmãos rosacruzes relevantes estão aqui novamente listados (o próprio Von Staupitz esteve por trás do mosteiro agostiniano). Por fim, vejamos brevemente o que a LTHK (*loc. cit.*) – precisamente devido à sua ignorância – tem a dizer sobre esses atores "iniciados" da revolução judaico-cabalística:

Art. "Dürer, Albrecht": "No primeiro entusiasmo, acolheu Lutero como combatente contra os abusos. Perante os desenvolvimentos posteriores, nomeadamente a

---

[12] Friedenthal, *loc. cit.*, p. 278f., grifo nosso.

iconoclastia, retirou-se do movimento, de acordo com o seu amigo Willibald Pirckheimer; mas, tal como este, manteve uma boa relação com Melanchthon, que era valorizado como mediador” – como se verá mais tarde, um irmão de loja.

Art. “Pir(c)kheimer, uma família patrícia de Nuremberg ... Willibald”: “Defendeu Reuchlin e atacou o mais poderoso opositor de Lutero, que, para ele, não era Nikolaus Gerbelius de Estrasburgo, mas *Eccius dedolatus* [*Der gehobelte Eck*, Glib Eck] (...) e numa segunda comédia, não impressa (...) com sátira amarga. No entanto, embora inicialmente “bom luterano”, não queria romper com a Igreja. Em 1521 pediu, portanto, a absolvição da proibição que o atingira como seguidor de Lutero”. Pirckheimer era apenas amigo do pretenso reformador Lutero; para o falso mestre era um “inimigo decidido”, tão decidido que continuava a manter “uma boa relação” com o *falso mestre Melanchthon* (ver acima).

Art. “Scheurl, Christophs”: “Inicialmente entusiasta de Lutero e ainda líder da Discussão Religiosa de Nuremberg em 1525, ele, amigo de Eck, não ficou satisfeito com o desenvolvimento da Reforma e, pelo menos desde 1530 [?], manteve-se no terreno da velha Igreja” – possivelmente apenas para encobrir vestígios, tal como seus outros irmãos de loja.

Art. “Spengler, Lazarus”: “Amigo de W. Pirckheimer, compositor, defendeu a doutrina de Lutero com vários escritos (...) e contribuiu muito para a sua vitória em Nuremberg. Por instigação de Eck, foi excomungado da Igreja” — da qual, tal como Pirckheimer, foi mais tarde readmitido, mas presumivelmente com o mesmo espírito que este amigo de Melanchthon.[13]

Martinho Lutero

O superior e amigo paternal de Lutero, Von Staupitz, colocou-o em estreito contato com a Loja Rosacruz de Nuremberg, que ele dirigia. “Já em 1516, ou seja, um ano antes da publicação das teses de Lutero,[14] Lutero mandou fazer o brasão da sua família, naturalmente em Nuremberg, nomeadamente uma cruz rosa, o símbolo dos rosacruzes... Com esse brasão, Lutero confessou abertamente sua simpatia pelas ideias da Loja de Nuremberg, que visitou mais de uma vez, por exemplo, em 23 de outubro de 1518, na viagem de regresso de Augsburgo e em outubro de 1510 [sic].

---

[13] Um provável falso arrependimento. (N.T.)

[14] O que, de acordo com os resultados irrefutáveis da pesquisa de Erwin Iserloh, nunca aconteceu, mas é uma pura lenda. [Rothkranz está sendo irônico (N.T.)]

Lázaro Spengler encarregou-se da produção do brasão rosacruciano e depois perguntou a Lutero 'se ele gostava do brasão'".[15] E mais:

"Von Staupitz tornou-se cada vez mais um líder espiritual, que introduziu Lutero profundamente (...) no conhecimento iluminado das irmandades secretas, que naquela altura tinham todas uma coisa em comum: esperavam pela consolação de Israel, por um homem que libertasse a Igreja do seu 'cativeiro babilônico'. Assim, Lutero, a quem já tinha sido oferecida a liderança da Loja de Nuremberg, viu-se empurrado para o papel de libertador, o que aceitou de bom grado. Passou a apelidar-se de *Eleutheros* ('Libertador'). Numerosas cartas de Lutero assinadas *Eleutheros* sobreviveram. Ele também mudou o seu nome original de Martinho Luder para Martinho Lutero, aludindo a *Eleutheros*, e o seu panfleto de campanha *Do Cativeiro Babilônico da Igreja* tem como pano de fundo essa sua auto-confiança.[16]

O amigo de Lutero Wenzel (Wenzeslaus) Lin(c)k, que seguiu sua heresia, era ao mesmo tempo confidente de Von Staupitz, depois seu sucessor como vigário-geral;[17] "como confidente do seu superior e ao mesmo tempo presidente da loja Von Staupitz, ele também podia ser 'iniciado' nos segredos dos rosacruzes".[18] Juntamente com von Staupitz, fugiu em outubro de 1518 do legado papal, o Cardeal Cajetan, de Augsburgo. A LThK escreve, sobre a sua ligação com Von Staupitz e sua influência sobre Lutero (*op. cit.*, art. "Link (Linck [h]), Wenzeslaus"), que ele se tornou decano da faculdade de teologia em Wittenberg "já em 1512 (com o doutorado de Lutero). Ao mesmo tempo, foi prior do mosteiro agostiniano de Wittenberg durante algum tempo, acompanhou o seu patrono Von Staupitz em viagens de visita ao sul da Alemanha, ao Reno e aos Países Baixos. (...) Em 1517–19, foi pregador em Nuremberg. Em 1520, sucedeu Von Staupitz como vigário-geral da Província da Ordem Alemã. Era um amigo de confiança de Lutero, cuja posição passou a ser também tida em conta nas resoluções do capítulo de Wittenberg da Ordem (janeiro de 1522), tendo encontrado cada vez mais apoiantes na Ordem".

---

[15] Homuth, *Die Verschwörung des Antichristus*, p. 78 (referindo-se a *Junghans*, *loc. cit.*).
[16] *Ibid.*, p. 79. De acordo com Mourret, *loc. cit.*, p. 281, nota 5: "Lutero assinou com o nome de seu pai Luder até 1517 [!], altura em que abandonou este nome, que significa 'carniça', em favor de 'Lutero', que – disse ele – vem de Lothar ou Lauter".
[17] Assim, Friedenthal, *loc. cit.*, p. 216, e Mourret, *loc. cit.*, p. 308.
[18] Lortz, *loc. cit.*, p. 356f.

Tendo em conta que Dietrich Emme "provou, através de um estudo profundo das fontes, que Martinho Lutero não se juntou simplesmente à ordem agostiniana",[19] mas que procurou refúgio nela sob dois aspectos (da justiça secular, mas também devido à sua angústia de consciência) depois de ter apunhalado em Erfurt um comissário num duelo, é provável que seus superiores da ordem rosacruz, Von Staupitz e Link, usaram habilmente da angústia de consciência de Lutero (sobre a qual Von Staupitz, que tinha sido o confessor regular e guia da alma de Lutero, desde 1508, foi informado da melhor maneira possível,[20] e que não tinha de forma alguma de ser remediada), para os objetivos subversivos deles próprios e daqueles que os encomendaram. Lutero, pessoalmente, ao criar sua heresia da Reforma, preocupou-se sobretudo com a superação teológica subjetiva de seus escrúpulos atormentadores. Isso é apoiado pela sua notável reviravolta, que Homuth descreve e avalia adequadamente da seguinte forma:

> *Mesmo Lutero tendo rompido com o sistema de lojas em 1525, por ter reconhecido corretamente o fundo judaico-cabalístico no movimento de emancipação do judaísmo (ver os seus discursos de ódio contra os judeus), isso já não teve qualquer influência no curso posterior dos acontecimentos; nessa altura era demasiado tarde, porque o trabalho de divisão da Igreja estava concluído com êxito.*[21]

---

[19] Emme, *loc. cit.*, *passim.*

[20] Cf. Mourret, *op. cit.*, p. 290, nota 2.

[21] Homuth, *Die Verschwörung des Antichristus*, *op.cit.*, p. 80.